

Alargamento do Hotel Carrís Porto Ribeira. Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos

Sandra Nogueira*, Paulo Lemos**, Rita Costa*** e João Silva****

RESUMO

No Projeto de Alargamento do Hotel Carrís Porto Ribeira, que tinha como objetivo a intervenção nos edifícios n.º 19-29 da Rua do Infante D. Henrique, foram executadas sondagens prévias e ações de acompanhamento arqueológico. Os resultados preliminares revelaram-nos três estruturas romanas, com orientação e cronologia iguais às estruturas identificadas na intervenção arqueológica na Casa do Infante e no Projeto de Construção do Hotel Carrís Porto Ribeira. Foi ainda possível ter uma noção da dinâmica construtiva, entre a época romana e a contemporânea, do espaço concretizado, nos séculos XIV e XV, como o “Quarteirão Régio”.

PALAVRAS-CHAVE

Romano, arquitetura, estruturas de combustão.

ABSTRACT

Within the Project of Expansion Works of the Hotel Carrís Porto Ribeira, whose scope of intervention was the buildings n.º. 19-29 on Infante D. Henrique Street, previous surveys and actions of archaeological accompanying have been carried out. Preliminary results revealed three Roman structures displaying similar orientation and chronology to those of Roman structures identified at Casa do Infante and at the Construction Project of the Hotel Carrís Porto Ribeira. It was also possible to get an idea about the building dynamics between Roman times and Contemporary age, of the space commissioned by monarch D. João I as the “Regal Block”, in the 14th and 15th centuries.

KEYWORDS

Roman, architecture, combustion structures.

* Arqueóloga.

** Arqueólogo.

*** Arqueóloga.

**** Arqueólogo.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo dá a conhecer os resultados preliminares obtidos nos trabalhos arqueológicos realizados num conjunto de quatro imóveis, localizado na zona da ribeira do Porto, inserido no espaço correspondente ao Quarteirão de D. João I, delimitado, a norte, pela Rua Infante D. Henrique, a oeste, pelo Hotel Carrís Porto Ribeira, a sudoeste, pela Viela do Forno, a sul, pelas escadas que contornavam os logradouros dos edifícios e, a este, pela Casa do Infante.



FIGURA 1. Localização dos edifícios n.º 19-29 da Rua do Infante D. Henrique (Google Earth, 2016).

Os trabalhos foram realizados no âmbito das ações preventivas de minimização de impactos decorrentes da execução do Projeto de Alargamento do Hotel Carrís Porto Ribeira, o qual implicou a demolição de paredes interiores de todos os edifícios, bem como a escavação, até três pisos abaixo da atual cota da Rua do Infante D. Henrique, no edifício adossado ao Hotel Carrís Porto Ribeira e no seu logradouro.

É conhecida a ocorrência de estruturas históricas em áreas anexas, como constatado aquando dos trabalhos arqueológicos prévios e de acompanhamento das obras de construção do Hotel Carrís Porto Ribeira (2009-2010), onde foram identificados vestígios da época romana, nomeadamente muros, e vestígios da Idade Média, designadamente um edifício de planta aparentemente retangular, que poderá corresponder à Torre Medieval de Estevão Lourenço, bem como pela recolha de cerâmicas bracarenses, de cronologia atribuíveis aos séculos XIII-XIV. Foi igualmente detetado um empedrado, que poderá corresponder a um arruamento medieval. Referência ainda para a identificação, durante os trabalhos realizados na Casa do Infante, entre os anos de 1990 e 2002, de paredes e parte de mosaicos de cronologia romana, bem como de estruturas e espólio associado à laboração da Casa da Moeda medieval.

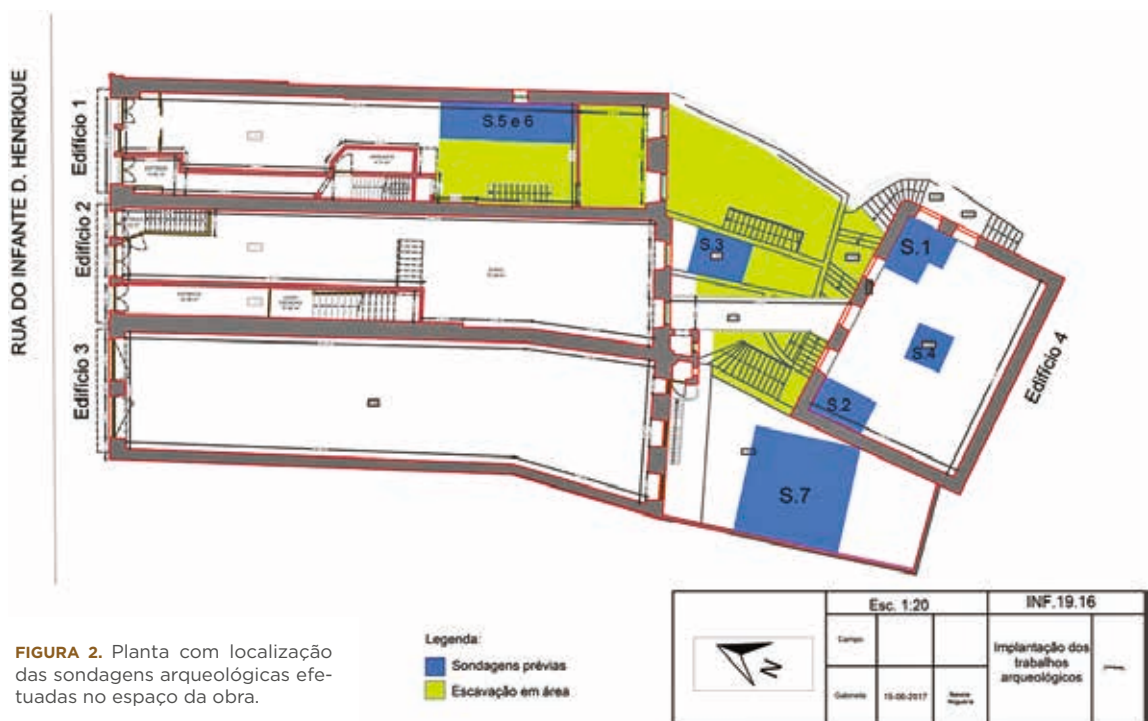
Considerando a elevada sensibilidade arqueológica da área a intervencionar, associada ao facto de a mesma se encontrar numa zona condicionada, do ponto de vista arqueológico e patrimonial, da cidade do Porto (ZAP 01 – Conjunto Classificado da Zona Histórica do Porto), nos termos do disposto no regulamento do Plano Diretor Municipal do Porto¹, e inscrito como Património Mundial da Unesco desde 1996, a Direção Regional de Cultura do Norte impôs condicionante arqueológica para o conjunto edificado a intervir, o que implicou a realização de trabalhos arqueológicos prévios à implementação do projeto.

2. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

O objeto de estudo correspondia a quatro edifícios, três deles contíguos (Edifícios 1, 2 e 3) e um quarto (Edifício 4) localizado a sul dos primeiros, possuindo todos um traço renascentista com cerca de 4/5 andares. Os trabalhos arqueológicos desenvolveram-se em três fases distintas.

2.1. FASE 1

A primeira fase teve lugar entre os meses de junho e julho de 2015 e consistiu na execução de um conjunto de seis sondagens de diagnóstico, prévias ao início da empreitada, num total de 37 m².



¹ Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2006.

As sondagens 1, 2 e 4 foram executadas no Edifício 4. Esta construção encontrava-se em ruínas, estando localizada a sul e a um nível inferior aos logradouros dos Edifícios 1 e 2, sendo o seu acesso feito por meio de uma escadaria estreita em alvenaria. As sondagens 2 e 4 revelaram a rocha base imediatamente sob uma camada de alcatrão que cobria todo o interior do edifício. Na sondagem 1, executada junto ao canto nordeste do edifício, detetou-se o alicerce de um muro tosco, com orientação sul-norte, aparentemente de cronologia tardo-medieval.

Foi ainda efetuada uma sondagem (sondagem 3) no pátio que ligava o Edifício 2 à viela, a sul do mesmo. Nesta área foi detetada uma calçada, composta por pedras de granito, de tamanho médio e grande, a cerca de 0,80 m de profundidade. De referir que, por falta de segurança, esta calçada não foi levantada/removida durante a execução desta sondagem, remetendo-se a finalização desta ação para a fase de acompanhamento arqueológico da obra.



FIGURA 3. Plano final da sondagem 1.

FIGURA 4. Plano final da sondagem 2.



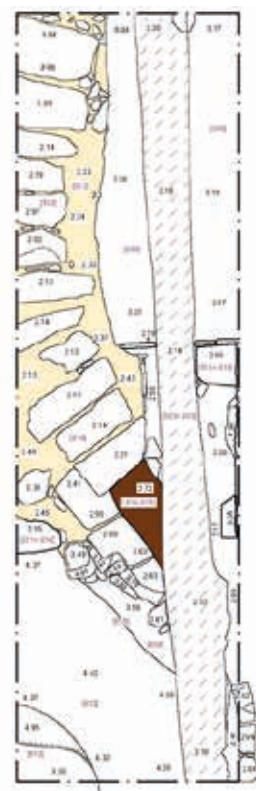


FIGURA 5. Plano final da sondagem 3.



FIGURA 6. Plano final da sondagem 4.

FIGURA 7. Desenho do plano final das sondagens 5 e 6.



Legenda:

- Cimento
- Interior do aqueduto
- Argamassa

0 1m

Esc. 1:20		INF. 19.10	
Nome		Proj. 19.10	Sondagens 5 e 6
Local	19.10.10	Proj. 19.10	Plano Final

Foram ainda executadas duas sondagens (sondagens 5 e 6) no interior do Edifício 1, adossadas à parede este do Hotel Carrís Porto Ribeira. Nestas sondagens, que no decorrer dos trabalhos acabaram por se unir, pelo alargamento da área da segunda, observámos uma estrutura em cimento, de forma quadrangular, que continha, no seu interior, um tubo em grés, que atravessava todo o edifício, no sentido norte-sul. No limite oeste das sondagens detetou-se um aqueduto composto por pedras de granito, de tamanho médio e com capeado, também ele em pedras de granito, com sentido noroeste-sudeste, que destruiu, de forma parcial, uma parede de cantaria, de aparelho pseudo-isódomo, composta por pedra de granito e junta seca, de cronologia medieval. À semelhança da sondagem supramencionada (sondagem 3), a conclusão dos trabalhos nestas duas sondagens foi efetuada na fase de acompanhamento arqueológico da obra.

2.2. FASE 2

Na segunda fase dos trabalhos arqueológicos, realizada entre setembro de 2015 e janeiro de 2016, acompanharam-se as ações de demolição, até ao piso 0, da parede este do Edifício 2, o desmonte da



FIGURA 8. Pormenor da estrutura (UE.2005).



FIGURA 9. Pormenor da estrutura (UE.2039).

arcada existente no piso -1 do Edifício 1 e o desaterro, até à rocha base, da fração sul do Edifício 1. Da execução destas ações foram detetadas duas estruturas que apontavam para uma cronologia romana.

A primeira estrutura corresponde à porção de uma parede (UE.2005), com orientação noroeste-sudeste, afastada cerca de 5,95 m para sul do canto interior noroeste do Edifício 1, que assentava diretamente na rocha base, intencionalmente aplanada para a sua edificação. Possuía três fiadas de pedra de granito, apresentando um aparelho isódomo, com cerca de 0,45 m de largura e 3,63 m de extensão. Esta estrutura parece ter sido destruída, no seu lado sudeste, aquando da colocação da base para assentamento da arcada que existia no edifício.

A segunda estrutura equivale a parte de uma parede (UE.2039), com orientação oeste-este, sensivelmente à mesma cota da anterior, tendo sido detetada junto à parede norte do Edifício 1. Possuía duas fiadas de pedra de granito, apresentando um aparelho isódomo, com cerca de 0,45 m de largura e 1,95 m de extensão. Pelas características construtivas observadas e pelo espólio recolhido, também nos remeteu para uma cronologia romana. Contrariamente à estrutura anterior, esta não foi destruída pelos trabalhos de execução do projeto, tendo sido possível conservá-la *in situ*, edificando-se sobre a mesma o pavimento do wc projetado para este local.

Estes vestígios construtivos encontravam-se associados a um sedimento argiloso, de coloração alaranjada, com presença de espólio de cronologia romana.

Na continuidade dos trabalhos de desaterro do Edifício 1, manteve-se *in situ* a estrutura detetada aquando da execução das sondagens 5 e 6. Parecia tratar-se de um alicerce e embasamento de uma grande construção em altura (UE.616), típica no contexto medieval da urbe do Porto, que aparentava ser a continuidade da parede sul do Hotel Carrís Porto Ribeira, que culminaria numa pequena viela, também com características medievais.

Foram ainda acompanhados os trabalhos de desaterro do logradouro do Edifício 3, tendo aí sido realizados trabalhos de remoção de terras até cerca de 2 m de profundi-



FIGURA 10. Sondagem 7. Pormenor da UE.702.



FIGURA 11. Sondagem 7. Pormenor da UE.709 e da UE.718.



FIGURA 12. Sondagem 7. Pormenor da UE.717.

dade da cota de circulação, atingindo-se a rocha base na totalidade da área. A intervenção aqui realizada foi denominada de sondagem 7, tendo sido intervencionado uma superfície total de 32 m². Esta sondagem tinha como objetivo a avaliação prévia da área destinada ao assentamento da sapata em betão para a grua que serviu de apoio à empreitada. Neste espaço foi primeiramente detetada uma escadaria (UE.702), junto à parede oeste do logradouro, com orientação norte-sul, cujos degraus possuíam um acabamento boleado. Esta escadaria aparece representada na planta topográfica de Telles Ferreira (1892). Sob esta escadaria, todo o espaço apresentava uma estratigrafia de aterro contemporâneo, cortada por um aqueduto, igualmente de cronologia contemporânea, com orientação norte-sul. Referência para a penúltima estrutura identificada neste espaço, identificada a cerca de 2 m da cota de circulação, equivalente a um empedrado (UES.708/718), composto por pedras de granito, toscamente trabalhadas, que nivelava o espaço entre os pontos de afloramento rochoso. Algumas das pedras deste empedrado serviam de capeado a um aqueduto tosca-mente escavado na rocha, com orientação norte-sul.

Ainda resultante da execução dos trabalhos de escavação nesta área, referência para a descoberta de uma porta, que se encontrava entaipada e que teria servido de acesso/saída dos edifícios pertencentes à Casa do Infante.



FIGURA 13. Trabalhos de escavação no logradouro do Edifício 1.

Finalmente, acompanharam-se os trabalhos de desmonte da escadaria que contornava os logradouros dos Edifícios 1 e 2, bem como o desaterro, em cerca de 4 m abaixo da cota do pavimento do piso 0, do Edifício 1. A estratigrafia observada era de aterro, pontuada pelo corte de estruturas de condução de água, com sentido norte-sul.

2.3. FASE 3

Na terceira fase, já no decorrer dos trabalhos de execução do Projeto de Alargamento do Hotel Carrís Porto Ribeira, entre os meses de fevereiro e junho de 2016, procedeu-se a trabalhos de escavação em área, até à rocha base, nos espaços que revelaram maior sensibilidade arqueológica nas duas fases supramencionadas, nomeadamente no interior do Edifício 1 e no seu logradouro, bem como de acompanhamento dos trabalhos de desaterro efetuados no interior do Edifício 2.

Os trabalhos de escavação nesta área permitiram verificar que o substrato geológico natural apresentava uma acentuada pendente no sentido norte-sul, ou seja, em direção ao rio Douro. Nas proximidades do limite sul do Edifício 1 ao seu logradouro, a rocha natural desenhava um socallo abrupto, no qual se erigiu uma estrutura parietal de grande envergadura e claramente datável da época medieval. Tal como referido anteriormente, este muro (UE.616) apresentava-se já incompleto, principalmente em altura, numa afetação cujo momento é impossível de localizar no tempo. Dispunha-se numa orientação este-oeste, parecendo articular-se perpendicularmente com as bases da parede mestra este do Edifício 1 (UE.512), comum ao Hotel Carrís Porto Ribeira, e da parede mestra oeste, na união dos Edifício 1 e 2.

Numa abordagem descritiva, o muro (UE.616) corresponderia, provavelmente, à base de um edifício erigido em altura, atendendo à sua largura: o topo, conservado, media aproximadamente 1,70 m de largura, medida que se nos afigura robusta o suficiente para suportar o peso de uma construção em altura (provavelmente com um mínimo de dois andares), como era comum na ribeira do Porto em período medieval. O facto de parte do aparelho se desenvolver de forma subtilmente escalonada, desde a base, mais larga, e estreitando-se à medida que cresce em altura, confere mais crédito a essa hipótese. É uma estrutura erigida em alvenaria organizada e composta por cantaria granítica. Os silhares apresentam uma morfologia tendencialmente paralelepípedica, com superfície visível ligeiramente afeiçãoada e organizados sem auxílio de argamassa, podendo-se observar, pontualmente, a intrusão de algumas pedras de menores dimensões para reforço do aparelho. Ladeado, tanto a este (UE.512) como a oeste (UE.2078), por estruturas semelhantes e dispostas perpendicularmente, como suprarreferido, constatamos que estas estruturas se revelam do mesmo tipo arquitetónico. Apesar de servirem de apoio a construções posteriores – as paredes mestras usam-nos como alicerce – estes muros são de características idênticas, sendo que a união dos mesmos com o primeiro é concretizada pela articulação perfeita entre os silhares, formando um cunhal com um ângulo quase perfeito, o que comprova a contemporaneidade das estruturas. Desenvolvem-se ambas para norte, o que leva a crer que o edifício se alargaria no sentido da Rua Infante D. Henrique, tratando-se esta de uma das extremidades – provavelmente traseira – do edifício. Outro aspeto que nos leva a defender a possibilidade

de se tratar de um mesmo edifício é o elevado número de marcas de canteiro que alguns silhares apresentam, dispersos pelas três paredes.

Complementando esta abordagem respeitante à possível funcionalidade do edifício, é importante perceber-se que assentava diretamente no substrato geológico natural, previamente trabalhado para servir de vala de fundação para a construção do mesmo.

É interessante perceber a adaptação e aproveitamento das características naturais do terreno no momento de construção do muro (UE.616). Coincidindo com o acentuado socalco supramencionado, esta estrutura medieval apresenta diferentes dimensões nos lados norte e sul, de acordo com a própria fisionomia do terreno: enquanto no lado norte apenas se identificam oito fiadas, no lado oposto o número é consideravelmente maior, de forma a possibilitar o apoio eficaz em ambos os lados. Ao avaliar a secção e o plano do muro percebemos que a sua construção implicou a existência de dois lados faceados – o norte e o sul –, aglutinados pelo miolo, que é composto por pedra mais miúda, tosca e com presença de um elemento aglutinante saibroso.



FIGURAS 14 e 15. Pormenor da estrutura (UE.616).



As intervenções efetuadas no Edifício 2 patentearam uma quantidade consideravelmente menor de vestígios arqueológicos, em boa parte devido ao facto de aqui a rocha base aparecer a uma cota mais elevada. Excetuando uma rede de canalização moderna, e como era de esperar, foi possível perceber alguma continuidade nas estruturas medievais identificadas no Edifício 1, nomeadamente o muro medieval (UE.2078) que serviu de alicerce para a parede mestra que marca a confluência dos Edifícios 1 e 2. Considerando que o muro (UE.2078) constitui cunhal com o muro (UE.616) e que é precisamente aí que se apresenta o acidente geológico (não nos esqueçamos que também aí terminaria o edifício medieval cujo interior seria orientado para norte), houve a necessidade de colmatar essa íngreme pendente aquando da construção do esqueleto dos Edifícios 1 e 2, tendo para isso sido usadas como alicerce algumas estruturas preexistentes.

Não obstante, com a deteção de um muro (UE.4011) no Edifício 2 parece ter havido uma tentativa de prolongamento do muro (UE.616) do Edifício 1, distinguindo-se deste por apresentar uma orientação desigual, ainda que a diferença seja ténue. Deste modo, o muro (UE.4011) encontrava-se adossado perpendicularmente ao muro (UE.2078) e ostentava aparelho construtivo similar, assentando diretamente na rocha base. Contudo, apesar de parecer articulado com o muro (UE.2078) e ostentar uma orientação semelhante à do muro (UE.616), não se dispunha no mesmo eixo, correspondendo, assim, a estruturas independentes, ainda que provavelmente contemporâneas.

A prossecução dos trabalhos de terraplenagem no Edifício 2 possibilitou ainda a observação do reaproveitamento da estrutura medieval (UE.4011) como base de assentamento de um aqueduto (UE.4015). Orientado num eixo norte-sul, todo ele é construído em pedra granítica, estando, em parte, apoiado no muro (UE.4011), tendo, na restante área, um preparado de lajes graníticas como base, ladeado por blocos da mesma pedra e coberto por lajes também elas graníticas. Não nos foi possível percecioner esta estrutura em toda a sua extensão, uma vez que a mesma se prolongava para uma área não afetada pela cota do atual projeto, tendo, por isso, sido aí preservada.



FIGURAS 16 e 17. Pormenor das estruturas (UE.616), (UE.2078), (UE.4011) e (UE.4015).

No Edifício 1, na área a norte do muro medieval (UE.616), durante o processo de escavação deste espaço percebeu-se que o depósito de enchimento da vala de fundação deste muro apresentava um número elevado de pedras almofadadas e cerâmicas romanas, o que levantou inúmeras dúvidas, esclarecidas no decurso dos trabalhos.

Após a decapagem de uma sequência de unidades estratigráficas sedimentares, aparentemente de enchimento, atendendo à diversidade cronológica do material aí recolhido e à própria característica heterogénea das mesmas, identificou-se uma unidade que parece corresponder a um nível de derrube (UE.2058), composto essencialmente por um aglomerado de pedras e cerâmica de construção (*tegulae*), dispostos numa forma tendencialmente circular, e assente, no seu limite norte, na rocha base e, na remanescente área, num outro nível de derrube, que desvendava o que parecia ser um alinhamento pétreo a gizar um muro.

Sob o nível de derrube supramencionado foi, posteriormente, identificado um novo derrube, associado a um muro de época romana (UE.2059). Desta estrutura conservavam-se ainda intactas as suas últimas duas fiadas. O muro encontrava-se assente diretamente no geológico natural, que, por sua vez, tinha sido preparado desenhando uma secção côncava, com 0,45 m de profundidade média, ainda que aberta a sul, onde se revelava o lado faceado da estrutura. Apesar de grande parte do que se pôde registar consistir num nível de derrube, o embasamento do mesmo estava intacto, sendo que apenas a sua superfície visível se apresentava cuidada, apresentando um miolo distintivamente mais tosco, tendo sido edificado diretamente na respetiva vala de fundação escavada na rocha. Era composto por silhares graníticos, aglutinados por uma argamassa arenosa, e por pedras almofadadas alisadas na superfície visível. Do mesmo foi possível constatar que apresentava uma altura mínima de 0,40 m e uma altura máxima de 0,60 m, com aproximadamente 0,90 m de largura e 3 m de extensão, espaçando-se do final da extremidade oeste da sua vala de fundação por 1,20 m, rematados por um depósito de enchimento (UE.2068) cuja contemporaneidade com a estrutura não nos foi perceptível. Dispunha-se quase paralelamente ao alçado norte do muro medieval (UE.616), numa orientação nordeste-sudoeste, terminando, na extremidade oeste, antes de confluir com o alçado este do muro medieval (UE.2078), que se articula perpendicularmente ao anterior e que serviu de alicerce à parede mestra que divide os Edifícios 1 e 2. Já no que concerne à extremidade este, a leitura estratigráfica ofereceu maior dificuldade. Contudo, foi possível constatar que a estrutura romana (UE.2059) havia sido realmente truncada pela parede mestra este do Edifício 1. Simultaneamente, foi ainda possível verificar que parte do enchimento da vala de fundação do muro medieval (UE.616) era composto por silhares com as mesmas características dos que compunham o muro romano (UE.2059), o que levanta a hipótese de um reaproveitamento dos elementos estruturais do muro romano para sustento e reforço desta robusta construção medieval. Contudo, não significa isto que o derrube da estrutura romana se tenha desenrolado aquando da construção da estrutura medieval, podendo este ter ocorrido num momento anterior.

Finalmente, no que a esta área diz respeito, de referir ainda a existência de dois buracos de poste localizados entre o muro romano (UE.2059) e o muro medieval (UE.616), não tendo sido, contudo, perceptível qual a sua funcionalidade no contexto em que foram



FIGURA 18. Pormenor da estrutura (UE.2059).

estas duas estruturas parece configurar uma viela, nas traseiras do edifício medieval, que se desenvolveria numa orientação este-oeste, encontrando-se preenchido por unidades de aterro compostas por terras muito heterogéneas, com inclusão de espólio de cronologia moderna, de entre o qual se destacam os fragmentos de faianças, e de cronologia romana, como fragmentos de terra *sigillata* decorada.

Neste espaço agora em análise foram igualmente identificadas duas estruturas pétreas (UE.2148 e UE.2147), aparentemente desconexas, associadas a níveis de derrube de elementos que constituíram aquela zona antes da construção contemporânea que hoje se observa. Estes aglomerados de pedra granítica, de pequeno e médio porte, continham, nos depósitos envolventes, materiais de cronologia medieval e/ou da Alta Idade Média. Com as ações de decapagem e desmontagem destas unidades deparámo-nos

detetados ou a cronologia a que correspondem, dada a ausência de espólio a eles associados.

Ainda no Edifício 1, na área a sul do muro medieval (UE.616), no espaço entre esta estrutura e a fachada de tardoz do Edifício 1 (UE.2077), foi identificado o muro (UE.2020), aparentemente de cronologia moderna, de robustez considerável, edificado paralelamente à estrutura medieval e afastado da mesma 4 m, compartimentando o espaço. O espaço entre

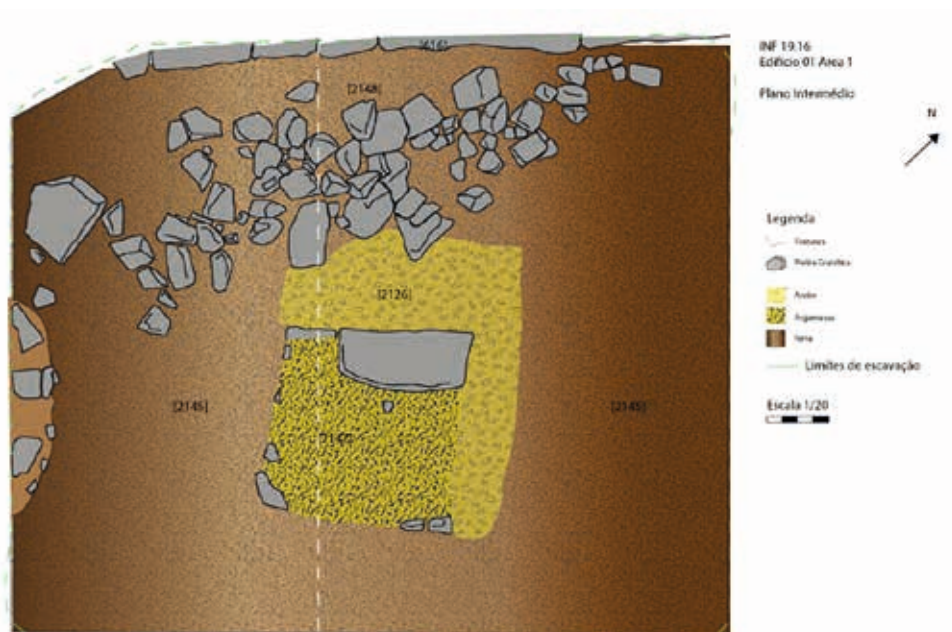


FIGURA 19. Desenho de níveis de possíveis derrubes identificados na zona da viela.



FIGURA 20. *Sigillata* africana de período tardio (séculos III a V), decorada com motivos em relevo.

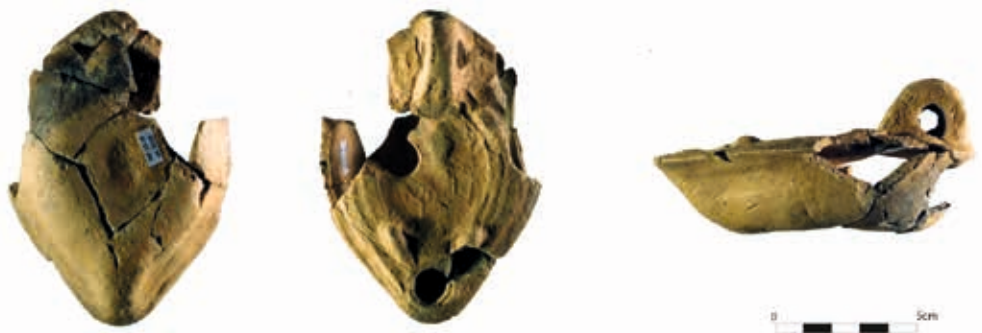


FIGURA 21. Lucerna proveniente da UE.2148.



FIGURA 22. Restauro de uma possível estrutura de combustão, proveniente da UE.2148.

com depósitos mais amplos e com características mais homogêneas, sendo genericamente compostos por terras muito argilosas, de grão médio e fino, alaranjadas e compactas (UE.2117 e UE.2131), entre outras. Estes depósitos exibiam, maioritariamente, materiais de época romana, com quantidades consideráveis de material de construção (*tegulae* e *imbrices*), bem como cerâmicas mais cuidadas e fragmentos de terra *sigillata* de origem tardia, do tipo africano, decoradas, na sua grande maioria, em relevo com motivos de animais (UE.2177, UE.2180 e UE.2184).

Uma nota para assinalar que a totalidade do espaço a sul do muro medieval (UE.616) e da fachada de tardo do Edifício 1 (UE.2077) se encontrava profusamente alterado pela edificação das estruturas pétreas (UE.2166 e UE.2147), de cronologia moderna, não relacionadas com o Edifício 1 e que assentavam diretamente no nível geológico. Contudo, referir que os depósitos aqui identificados correspondiam a níveis de época romana, do baixo-império, à semelhança dos níveis encontrados nas intervenções realizadas na Casa do Infante (Gomes e Teixeira, 2000). Entre os materiais exumados nestes níveis são de destacar os frequentes fragmentos de argila, que, pela sua compacidade, nos fazem pensar que poderão ter sido utilizados como níveis de circulação, ou que, pela sua dureza, poderão estar relacionados com a proximidade de uma fonte de calor, podendo corresponder a fragmentos de estruturas de combustão, provavelmente associadas a fornos, tanto de vidro, como de metais.



FIGURA 23. Plano final da zona da viela (UE.2189).

Uma última referência, ainda no Edifício 1, na área a sul do muro medieval (UE.616), para a identificação de 12 pequenos entalhes abertos no nível geológico. Estes apresentavam dimensões médias de 0,20 m, com profundidades a rondar os 0,08 e os 0,1 m. Contudo, não obstante a profusão dos mesmos, não nos foi possível perceber qualquer alinhamento e/ou funcionalidade dos mesmos, nem atribuir-lhes uma cronologia, uma vez que não se encontravam associados a qualquer espólio.

Seguidamente, foram realizados trabalhos mecânicos de escavação do logradouro dos Edifícios 1 e 2. Os primeiros níveis patentes nesta zona apresentavam elevada robustez estratigráfica (UE.3001, UE.3002 e UE.3003),

sendo constituídos por terras húmusas e de aterro, muito heterogêneas, com inclusão de frequentes materiais de época contemporânea. Sob estas unidades foram identificadas enormes quantidades de material de época romana, com especial destaque para a concentração de grandes fragmentos de *dolia*. Estes materiais estavam associados a diversos níveis de reduzida possança, constituídos por terras relativamente homogêneas, compactas, argilosas, de grão fino e tonalidade alaranjada, intercalando com unidades formadas por níveis de carvão (UE.3015 a UE.3017). Naturalmente, a identificação destes níveis arqueológicos motivou a interrupção dos trabalhos mecânicos de escavação deste espaço, tendo, posteriormente, sido realizados somente trabalhos manuais de escavação em área, ainda que, por motivos de execução dos trabalhos de construção, estas ações tenham sido executadas em duas fases distintas.

Na área mais a oeste do logradouro foi detetado um possante derrube (UE.3013) composto por material de construção de época romana, concretamente *tegulae* e *imbrices*, ainda que o mesmo se encontrasse muito fragmentado. Entre os depósitos suprarreferidos foram igualmente recolhidos abundantes fragmentos cerâmicos de uso doméstico, destacando-se, de entre estes, fragmentos de terra *sigillata*, 33 moedas e diversos objetos em metal. De entre as numismas, destaque para as mais antigas, datadas dos séculos III a IV, tendo a mais antiga sido cunhada durante o reinado do imperador Cláudio II (entre 268-270) e recolhida na UE.2176. Este espólio permite enquadrar cronologicamente a ocupação desta área num contexto do baixo-império.

Com a conclusão das ações de registo e posterior remoção do supramencionado nível de derrube foi possível observar um corte no geológico granítico natural, efetuado no sentido noroeste-sudeste, ostentando diversas marcas e entalhes de origem antrópica. Na base deste corte sobre o geológico granítico natural, e correndo no sentido este, prolongaram-se os níveis de depósitos compostos por terras compactas, argilosas,



FIGURA 24. Derrube de material de construção (UE.3013).

de grão fino, cor alaranjada, com inclusão de abundantes carvões e cinza, materiais de construção (*tegulae* e *imbrices*) com marcas de combustão e envoltos com restos de vidro fundido, objetos metálicos (em avançado estado de decomposição) e ocasionais fragmentos de madeira carbonizada. As características destas unidades, conjuntamente com o espólio a elas associadas, levanta a hipótese de este espaço ter funcionado como uma espécie de pequena “indústria” de produção de vidro e/ou de fundição de metais.



FIGURA 25. Moedas encontradas durante a fase de escavação.

Ao nível estrutural, foram ainda percebidos dois alinhamentos pétreos (UE.3132 e UE.3146), aparentemente de um mesmo edifício, em muito mau estado de conservação, compostos por pedras graníticas, algumas das quais almofadadas, aparentemente com aparelho isódomo, o que nos leva a crer na existência de uma possível estrutura de porte maior, com a mesma cronologia dos materiais.

Referência final para duas estruturas de combustão (UE.3148 e UE.3149), aparentemente em associação com o edifício suprarreferido, encontrando-se assentes no geológico. A estrutura (UE.3148) era constituída por argila muito compacta, de cor avermelhada, grão muito fino, cozida *in situ*, de forma irregular e com um perfil em forma de

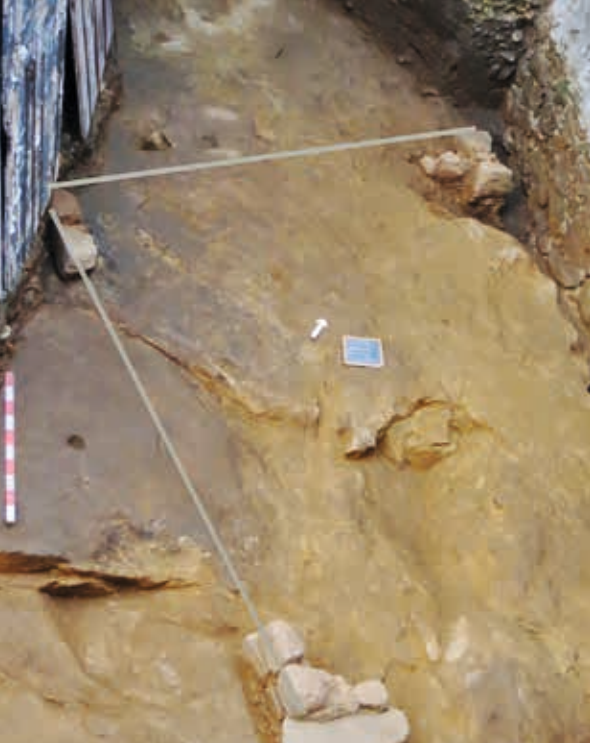


FIGURA 26. Possível estrutura de Época Romana identificada no logradouro do Edifício 1 (UE.3132 e UE.3146).



FIGURA 28. Plano final do logradouro dos Edifícios 1 e 2 (UE.3150).

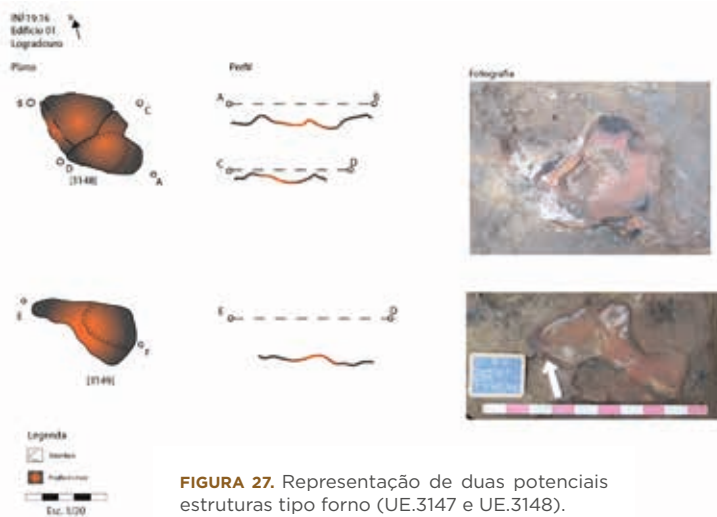


FIGURA 27. Representação de duas potenciais estruturas tipo forno (UE.3147 e UE.3148).

U. Ostentava, colado a uma das suas “paredes”, um elemento em bronze, que aparenta ser escória de bronze. A estrutura (UE.3149) era composta por argila muito compacta, de tonalidade avermelhada, grão muito fino, cozida *in situ* e de perfil côncavo. Apresentava carvões numa disposição circular, aos quais estava associado um grande número de esferas em bronze, com um diâmetro inferior a 5 mm, em mau estado de conservação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A informação aqui aventada corresponde aos resultados preliminares das ações efetuadas no âmbito do Projeto de Alargamento do Hotel Carrís Porto Ribeira, concretamente nos Edifícios n.º 19-29 da Rua do Infante D. Henrique, equivalendo a uma primeira abordagem ao espólio recolhido e às diversas estruturas identificadas, de tipologias e cronologias que vão da época romana à época moderna.

De referir, contudo, que a informação arqueológica recolhida na área em apreço, concretamente as estruturas identificadas, a sua orgânica ocupacional e faseamento construtivo,

aliada ao estudo pormenorizado do abundante espólio proveniente desta intervenção, ainda não se encontra concluída. Neste ponto, de mencionar que os trabalhos de acompanhamento arqueológico do projeto ainda decorrem.

A conclusão da análise da totalidade da informação recolhida no decorrer da intervenção arqueológica é, provavelmente, um trabalho que irá permitir um melhor entendimento da extensão da ocupação de época romana e de época medieval da zona ribeirinha da cidade do Porto, bem como irá complementar as informações recolhidas em trabalhos anteriores realizados nas imediações, concretamente nos projetos desenvolvidos no Hotel Carrís Porto Ribeira e na Casa do Infante.

Os vestígios arquitetónicos observados, juntamente com os dados obtidos nas escavações arqueológicas da área envolvente, mostram-nos uma intensa ocupação do espaço durante o tempo que medeia a época romana e a época medieval. Os restantes achados, encontrados essencialmente na área sul da “viela” e no logradouro do Edifício 1, dos quais se destacam metais e alguns vidros, levantam a hipótese de estarmos perante um local de transformação deste tipo de matérias-primas (indústria vidreira e transformação de ligas de metal), o que se pode aferir pela presença de madeiras carbonizadas (combustível), argila compactada (“estrutura”) e material cerâmico de grandes dimensões (transporte).

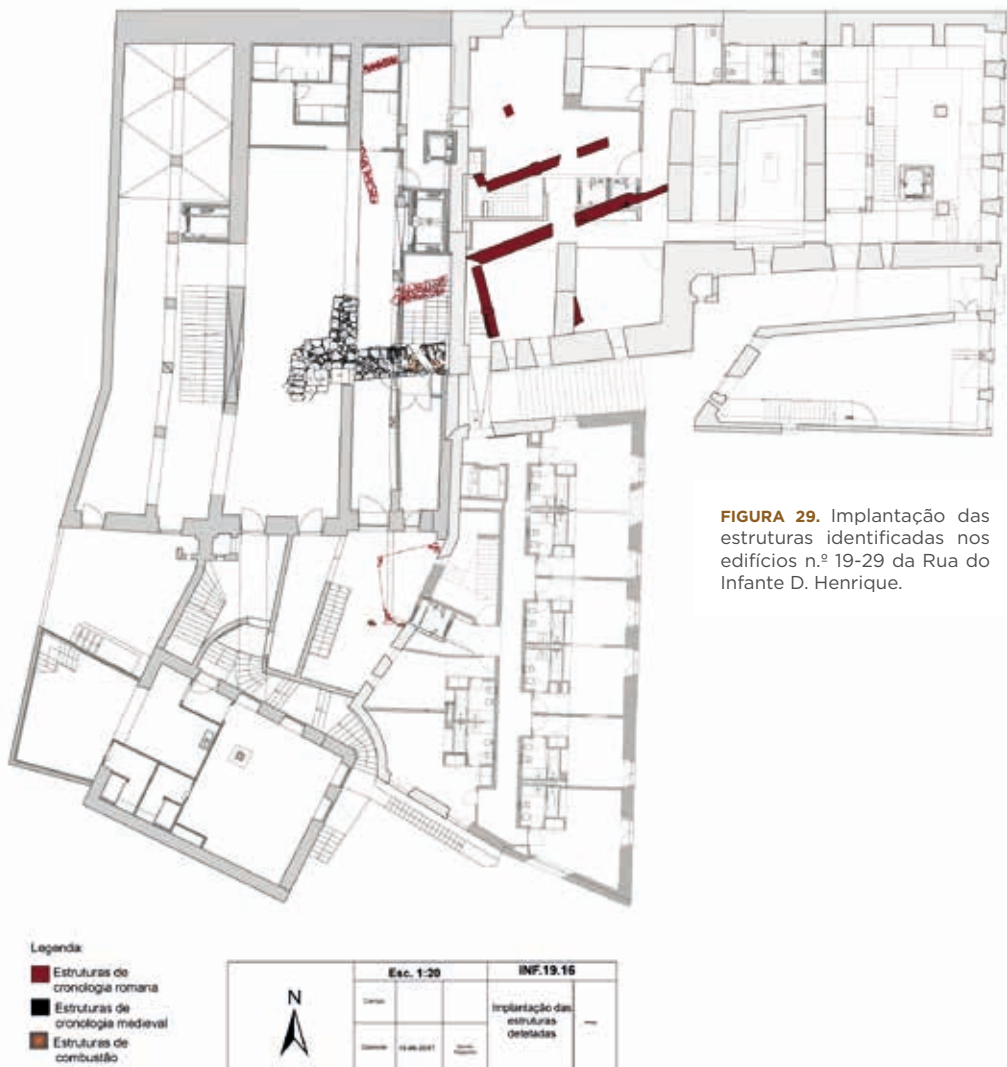


FIGURA 29. Implantação das estruturas identificadas nos edifícios n.º 19-29 da Rua do Infante D. Henrique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA

Gomes, P. e Teixeira, R., 2000. Intervenção arqueológica na Casa do Infante. Dezasete séculos de história na zona ribeirinha do Porto. *Al-madan*, 2.^a Série, 9, pp. 132-134.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2006. D.R. I Série-B. 25 (2006-02-03) 792-833.

CARTOGRAFIA

Ferreira, A. G. T., 1892. *Carta Topographica da Cidade do Porto*. Folha 259, Escala 1:500. Porto: Arquivo Histórico Municipal do Porto.

Google Earth, 2016. *Porto, 41°08'27" N; 8°36'49" W, 405 m de altitude*. [online], Acessível em: <<https://earth.google.com>> [Consultado em setembro de 2016].